

As amadianas Gabriela, cravo e canela e Tieta do agreste: no contexto de uma sociedade patriarcal

Patrícia Ferreira Coelho¹

José Geraldo Rocha²

Resumo

O artigo em questão aborda a condição da mulher na sociedade patriarcal brasileira, bem como a presença do estereótipo da mulher mestiça na sociedade regida pela ideologia patriarcal e na literatura brasileira. Logo este trabalho busca problematizar a condição das mulheres mestiças Gabriela e Tieta, protagonistas das obras de ficção Gabriela, cravo e canela e Tieta do Agreste, mostrando o papel social que lhes era destinado e aquele exercido por elas o qual não estava de acordo com os padrões vigentes. O papel social exercido por essas personagens está de acordo com a visão de Jorge Amado, que criou personagens que eram objetos de desejo e sujeitos desejantes ao mesmo tempo.

Palavras chaves: Tieta- Gabriela- Mulheres- Mulata

Introdução

O presente artigo busca através das obras ficcionais *Gabriela, cravo e canela* e *Tieta do Agreste* são capazes de trazer à luz o debate em torno da condição da mulher na sociedade patriarcal (sociedade organizada em torno de interesses dos homens).

Segundo ideias patriarcais, as mulheres não podem alcançar o mesmo lugar social ocupado pelos homens, pois elas são frágeis e possuem instintos naturais ligados à maternidade e, devido a isso, as mulheres estão destinadas ao âmbito privado.

Entre as exceções a essa regra, estavam as mulatas que, ao contrário das mulheres brancas, feitas para o casamento e a maternidade, eram vistas como objeto erótico.

¹ Patcoelho2003@hotmail.com -Mestranda- UNIGRANRIO

² RochaGeraldo@hotmail.com – Orientador -Doutor- UNIGRANRIO

Este artigo destaca o papel da mulher na sociedade masculina patriarcal brasileira e aponta para as diferenças que tendem a se naturalizar e reforçar uma relação de desigualdade entre homens e mulheres.

Além disso, este artigo visa mostrar que Jorge Amado estabelece um papel social para as suas protagonistas como forma de dar voz às mulheres oprimidas pela relação de desigualdade que regia o patriarcalismo.

Este trabalho está dividido em cinco seções, em que a primeira mostra que a mulher estava destinada à esfera privada enquanto o homem estava destinado à esfera pública. Essa diferenciação dos lugares sociais estava baseada na ideia de que a mulher era inferior ao homem tanto fisicamente quanto socialmente.

A segunda seção mostra os estereótipos os quais representavam as mulheres mestiças dada a representação social de seus corpos vistos como lugar de desejo e pecado, repulsa e prazer.

A terceira e a quarta seção apontam para a descrição das personagens Gabriela e Tieta como objeto de desejo.

A quinta seção revela que Jorge Amado denuncia a ideologia patriarcal e dá voz às mulheres a partir da ruptura de estereótipos (ou padrões de comportamento) de suas heroínas.

Com respeito à opressão da mulher nas sociedades patriarcais, tema que será abordado em todas as seções, para tal contaremos com as contribuições dos textos de Arán (2003), Corrêa (2007), Freyre (1990) e Schmitd (2009).

1 A mulher na sociedade patriarcal

Na sociedade patriarcal, de acordo com Arán (2003) as mulheres eram responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo trabalho do cuidado de outros (especialmente de filhos, idosos e doentes) e os homens eram os provedores. Ao homem cabia à vida pública, ou seja, os espaços de atuação na vida econômica e política da sociedade. O que restava à mulher era o espaço privado (no âmbito do lar, doméstico). A casa era o lugar onde a mulher realizava suas tarefas domésticas em prol do bem familiar.

O trabalho do homem relacionava-se com a produtividade do país, tinha valor, supunha uma atividade remunerada enquanto o trabalho da mulher em casa, embora consistisse em uma multiplicidade de tarefas, era um trabalho desvalorizado.

A mulher não tinha o direito de fazer suas próprias escolhas, de ser dona de sua vida e de seu corpo, de fruir sua sexualidade, de ser politicamente ativa, de ser instruída, enfim de

viver plenamente como ser e como mulher. Ela ficava condicionada ao seu lar e ao papel de mulher pura e casta.(Arán,2003)

Manter as mulheres no espaço privado era uma forma de garantir filhos legítimos, dignos do direito à herança.

As referências que surgiram a partir do que se acreditava ser inerente à mulher indicam uma suposta inferioridade feminina determinada por um corpo mais frágil e situado na esfera da vida reprodutiva. Essas referências relacionaram as mulheres ao mundo da casa, ao doméstico e ao cuidado dos filhos. A capacidade corporal feminina relacionada à reprodução da espécie humana define o espaço da mulher na vida em sociedade; seu papel social de cuidar da família e do lar assegura-lhe uma posição hierárquica inferior em relação aos homens publicamente ativos e provedores. Os homens estão associados à vida produtiva (criadora de valor), enquanto as mulheres estão associadas à vida reprodutiva (que não cria valor). Márcia Arán aponta que:

“(…) na aurora da modernidade o corpo feminino, descrito a partir da ênfase nos órgãos reprodutivos, no ‘cérebro menor’ e na ‘fragilidade dos nervos’, foi utilizado para definir o lugar ‘naturalmente’ inferior das mulheres na sociedade, justificando a sua permanência no espaço privado (...)”.(ARÁN,2003,p.26)

Nesse trecho, Márcia Arán (2003) mostra que a desigualdade entre homens e mulheres teve suas raízes construídas em características que forjaram para a mulher consolidadas ao longo dos tempos. Esse ideal de mulher reforçou a noção da existência de um lugar para a mulher e outro para o homem.

Além de ser sexista, observa Arián(2003),o patriarcado era racista, pois apesar de todas as regras que as mulheres deveriam seguir para serem consideradas mulheres honradas, existiam aquelas que não se encaixavam em tais modelos, ou por causa de situações passageiras ou por causa de situações permanentes, ligadas ao modo de vida. Geralmente esses padrões eram impostos para as mulheres brancas, pois as escravas, negras alforriadas e mestiças não eram bem vistas pela sociedade. Elas eram consideradas mulheres sem honra. Porém, mesmo as mulheres brancas nem sempre conseguiam manter esse ideal, como era o caso das mulheres pobres. Elas precisavam trabalhar fora de seus lares e isso já as qualificava, na maioria dos casos, como mulheres públicas.

2 A representação da mulata na sociedade patriarcal e na literatura

Nas obras de Jorge Amado e, especialmente nos romances *Gabriela, Cravo e Canela* (2003) e *Tieta do Agreste* (1977) as mulatas são representadas como mulheres que vivem sua sexualidade sem seguir as normas sociais.

A associação da mulata com sensualidade e liberdade está presente nas obras artísticas brasileiras. Essa associação demonstra a imagem feminina sexualizada da mulata nas produções literárias. De acordo com o crítico Eduardo de Assis Duarte: (2009 p.12)

Nessa ordem, a condição de corpo disponível vai marcar a figuração literária da mulata: animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução. Via de regra desgarrada da família, sem pai nem mãe, e destinada ao prazer isento de compromissos, a mulata construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da mulher fornicaria da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatar da meretriz.

Esse trecho demonstra a configuração estereotipada e preconceituosa que inscreve a mulata na literatura. Elas são vistas como mulheres com atributos extremamente sensuais e relegadas ao mundo da sexualidade sem pudores. E esse registro da mulata está de acordo com a representação dela na sociedade regida pelo patriarcado. Simone Pereira Schmitd afirma que na sociedade “por vezes, o corpo do mulato (e especialmente o da mulata) foi visto como degradação, exposição concreta dos aspectos nefastos da mestiçagem” (SCHMITD, 2009, p. 803)

A ideia de que as mulatas eram sensuais e tinham o corpo sexualmente disponível fazia parte do imaginário nacional.

A imagem da mulata criada por Jorge Amado para Gabriela e Tieta reflete, segundo Eduardo de Assis Duarte, (2009) uma imagem feminina sexualizada e racializada, inadequada para protagonizar o perfil ideal de mulher do Brasil patriarcal.

Um provérbio evocado por Gilberto Freyre ((1990) em *Casa-grande & senzala* diz: *A negra no fogão, a mulata na cama e a branca no altar*. Esse provérbio demonstra que em um ambiente patriarcal, as mulheres brancas eram reservadas para o casamento, as negras eram reservadas para o trabalho e as raparigas, em geral mulatas, exerciam o papel de amantes e concubinas.

Jorge Amado parece seguir o que diz esse provérbio em seus romances ao criar mulatas tão cheias de volúpia e associadas ao desejo carnal dos homens como Gabriela e Tieta. Em sua produção literária estão presentes elementos que apontam para uma configuração estereotipada e preconceituosa da mulata.

A configuração das personagens Gabriela e Tieta permite que se tenha uma visão abrangente da opressão em que viviam as mulheres na sociedade patriarcal que autorizava a associação do corpo feminino ao desejo masculino.

A representação feminina na literatura tem muito da representatividade do “papel feminino real” vivido pelas mulheres na sociedade brasileira, demonstrando que a sociedade e a literatura estão relacionadas, por ser esta também uma tentativa de representação ficcional daquela.

O crítico literário Antônio Candido,(1987) em seu ensaio *Literatura* de Dois Gumes, afirma que a ligação da literatura e a sociedade é tão forte que se torna a substância do ato criador: “(...) a ligação entre a literatura e a sociedade é percebida de maneira viva quando tentamos descobrir como as sugestões e influências do meio se incorporam à estrutura da obra – de modo tão visceral que deixam de ser propriamente sociais, para se tornarem a substância do ato criador.” (CANDIDO, 1987, p. 163).

Assim, é possível considerar que na literatura muito pode ser encontrado da vivência dos indivíduos na sociedade. Ela é também a reconstrução dessa sociedade, portanto, nos romances aqui propostos, encontram-se muitas das situações vividas pelas mulheres brasileiras.

O pensamento patriarcal determina o modelo de feminilidade e de masculinidade adequado e vincula a ele um modelo de família e sexualidade, funcionais a organização da divisão sexual do trabalho no marco da divisão entre produção e reprodução, estruturada pelo trabalho doméstico e de cuidados na família, e pela separação e hierarquização de trabalho de homens e trabalho de mulheres. Porém, esse modelo não abarca a todos, mas normatiza e hierarquiza. Tudo que está fora é considerado anormal e estigmatizado e esse é o caso das mulatas, que não se encaixavam no papel de esposas e mães atribuído às mulheres brancas. (CANDIDO,1987) .

3 A mulata faceira Gabriela

Bonita, trabalhadeira — é a excelente cozinheira de Nacib, dono do Bar Vesúvio —, alegre, espontânea, gosta de cantar e dançar. Tão sensual que seduz o patrão.

Gabriela foi construída com todos os estereótipos da mulata: “Além de cheirosa e gostosa a mulata é muitas outras coisas nesses e em outros textos: é bonita e graciosa, dengosa e sensual; em suma, desejável” (CORRÊA, 2007, p.241).

Os atributos físicos de Gabriela são minuciosamente descritos por Jorge Amado: “esguia e formosa, a cabeleira solta e o rosto fino, as pernas altas e o busto levantado” (AMADO, 2003, p. 78); “os dentes brancos, limados” (AMADO, 2003, p. 117). Sua beleza se torna ainda mais fascinante com palavras que a vinculavam a cheiros, gostos e cores: Gabriela tinha perfume de cravo, cor de canela e sua boca era cor de pitanga.

Ao lado de seus atributos físicos, seus dotes culinários também sobressaem. Nem um chef de cuisine francês consegue fazer uma comida melhor do que a de Gabriela: “não é que fosse má a comida. Como compará-la, porém, com os pratos da terra, cheirosos, picantes, coloridos?” (AMADO, 2003, p.345). Além de seus atributos físicos, seus dotes culinários também atraem Nacib.

Além disso, Gabriela é a mulher que, em todo o romance, nada pede, nada espera e nada deseja além do que ela já tem. Está satisfeita em ser cozinheira e amante de Nacib. Essa condição é tão forte que ela não vê razão na proposta de casamento do árabe, em se tornar uma senhora respeitável para a sociedade:

(...) Quando lhe dera a notícia, quando pedira a sua mão, ela ficara a pensar:
– Por que seu Nacib? Precisa não...
– Não aceitas?
– Aceitar, eu aceito. Mas, precisava não. Gosto sem isso. (AMADO, 2001, p. 234).

A idealização de Jorge Amado de uma companheira perfeita como Gabriela (com o estereótipo da mulata assanhada com o erotismo à flor da pele) foi alvo da crítica de Eduardo de Assis Duarte(2009) que afirmava que Jorge Amado acabou criando a utopia da empregada ideal, segundo os padrões do macho brasileiro: “Num país onde todos adoram uma boa empregada o livro só podia mesmo fazer muito sucesso.” Essa crítica mostrava como a personagem Gabriela foi construída com um discurso preconceituoso.

Gabriela era considerada a empregada perfeita: tinha todos os atributos das mulatas - o que reforçava o preconceito e o machismo – além de ser excelente cozinheira. Ela era feita para a cama e para o fogão.

Segundo o autor a ideologia patriarcal estava presente na construção da personagem. Estar limitada às prendas do lar e às vontades do patrão demonstrava a inferioridade de Gabriela em relação a Nacib.

Gabriela também encarna o modelo da cordialidade no momento que ela faz de um tudo para agradar seu patrão. De acordo com Sérgio Buarque de Holanda:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade - daremos ao mundo o 'homem cordial'. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência dos padrões de convívio humano informados no meio rural ancestral e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar 'boas maneiras', civilidade São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. (1956,p.50)

Gabriela tinha todos os requisitos para agradar seu patrão: era uma dona de casa perfeita e uma amante ferosa. Além disso, seus quitutes inigualáveis ajudaram Nacib a prosperar. Seu talento na cozinha e sua presença que era um atrativo a mais foram fundamentais para que o Bar Vesúvio desse mais lucro para Nacib. O trecho a seguir demonstra a cordialidade de Gabriela:

Tempo bom, meses de vida alegre, de carne satisfeita, boa mesa, suculenta; de alma contente, cama de felizardo. No rol das virtudes de Gabriela, mentalmente estabelecido por Nacib na hora da sesta, contavam-se o amor ao trabalho e o senso de economia. Como arranjava tempo e forças para lavar a roupa, arrumar a casa, – tão limpa nunca estivera! – cozinhas os tabuleiros para o bar, almoço e jantar para Nacib? Sem falar que à noite estava fresca e descansada, úmida de desejo, não se dando apenas mas tomando dele, jamais farta, sonolenta ou saciada. Parecia adivinhar os pensamentos de Nacib, adiantava-se a suas vontades, reservava-lhe surpresas: certas comidas trabalhosas das quais ele gostava – pirão de caranguejo, vatapá, viúva de carneiro –, flores num copo ao lado de seu retrato na mesinha da sala de visitas, troco do dinheiro dado para fazer a feira, essa ideia de vir ajudar no bar. (AMADO.2003,p.310)

Aqui a cordialidade de Gabriela é demonstrada, pois indica toda a sua vontade de agradar, de ser útil e de ser amável o que a torna submissa a Nacib.

Gabriela é configurada como objeto de desejo e apelo sexual para os homens. Sensual, seduz não só o patrão, de quem se torna amante, mas outros homens da cidade. Além disso, ela se dá o direito de ter outros parceiros distanciando qualquer ideia de exclusividade preconizada pelo patriarcado:

Coisa mais tola, sem explicação: por que os homens tanto sofriam quando uma mulher com quem deitavam, deitava com outro? Ela não compreendia. Se seu Nacib tivesse vontade, bem que podia ir com outra deitar, nos seus braços dormir. Ela sabia que Tonico dormia com outras, dona Arminda contava que ele tinha um horror de mulheres. Mas, se era bom de deitar-se com ele, brincar com ele na cama, por que exigir que fosse só dela? Entendia não. (AMADO, 2003, p. 320)

Gabriela não se portava de acordo com as regras sociais estipuladas pela ideologia patriarcal para as mulheres consideradas honradas.

4 A mulata incestuosa Tieta

O romance *Tieta do Agreste*(1977) narra a história de Tieta, que escandalizou a cidade de Santana do Agreste (onde o regime patriarcal era imperante) com seu comportamento livre.

Ela busca incessantemente o prazer e a liberdade a partir da descoberta de vários e diferentes homens: o mascate; Lucas, o médico; o caixeiro-viajante; Jarbas, o gigolô; Felipe e, por último, o seu sobrinho seminarista. O fato de manter uma relação incestuosa com seu sobrinho revela a amoralidade que faz parte de Tieta: “(...) As mulheres negras estão associadas ao profano, sexual e brutalmente erotizado (...)” (Caderno 9º Encontro Internacional da Marcha Mundial das Mulheres, 2013, p.21). Por ter características das negras, a mulata apresenta o mesmo estigma delas. Para Tieta não existe pecado, tudo é feito em função de obter um certo prazer físico.

Assim como Gabriela, Tieta também é descrita com os mesmos atributos da mulata: bela, sedutora, sensual, fogaosa o que pode ser mostrado no fragmento do romance:

Moça formosa e atrevida, enfrentando a ira do pai e a denúncia da irmã... atrevida desde menina, pastora de cabras nos oiteiros da terra sáfara de Zé Esteves; a saltar, adolescente, a janela noturna para encontrar-se com homens, o caixeiro viajante não fora o primeiro...(AMADO,1977,p.17)

Assim, Jorge Amado criou uma heroína, que na adolescência, tal como as cabras que não possuem um bode só, entregava-se a vários homens sem se importar como e onde.

Já no início da história, o narrador destaca o vigor do instinto animal de Tieta. No prefácio do livro, a história de Tieta é apresentada com recordações de seus tempos de menina, sempre comparada a uma cabrita que vivia correndo nas dunas de Mangue Seco. Essa comparação se estende ao longo do romance, tanto na voz do narrador como na da própria personagem: “- Tem razão, Nora. Continuo cabeçuda como uma cabra velha. Quando quero uma coisa não vejo nada em minha frente...”. A menina também possui um instinto animal demonstrado pelo seu desejo de ser possuída pelo Mascate. Nesta cena, a menina chega a emitir sons semelhantes ao berro de uma cabra no cio chamando o seu bode para montá-la: “Nas dunas de Mangue Seco, Tieta, pastora de cabras, conheceu o gosto do homem, mistura de mar e suor, de areia e vento. Quando o mascate a arrombou, igual à cabrita horas atrás, ela berrou. De dor e de contentamento”. (AMADO, 1977, p.19)

Assim, a comparação e a vinculação da personagem principal com as cabras marcam a natureza da personagem.

Para ressaltar o primitivo em Tieta, o narrador reforça o seu comportamento aproximando-a das cabras, dando-lhe apelidos: “cabrita” e “cabra”, ou mesmo quando a chama simplesmente de Tieta ao invés do nome Antonieta. E assim, na sequência da narrativa, há um movimento de animalização da personagem, nivelando-a por baixo, pelo que tem de mais elementar: o gosto pelo sexo. Dessa forma o estereótipo da mulata “animal erótico por excelência” fica evidenciado na personagem, que é sujeita aos instintos e exposta às leis naturais. Ela é como um animal que age naturalmente por instinto.

O desejo pela liberdade é evidente em Tieta desde os tempos de criança, passando pelo tempo de adolescente quando corria como as cabras no cio, atendendo aos seus instintos e vivendo sua sexualidade com liberdade até o momento em que assumiu a vida de prostituta. Tieta não queria estar limitada a uma vida de pobreza no nordeste. Queria “boa vida”, o que para ela era possível tornando-se “boa de cama”. Isso é mostrado no fragmento a seguir:

Eu te digo que escola de verdade é casa de mulher à-toa no sertão. Aí, sim, se aprende o ofício. Quebrei a cabeça nesse mundéu até que me toquei pro Sul, cansada de sofrer. Queria a boa vida, comer do bom e do melhor, beber champanha, provar as iguarias do homem. Não feijão e a carne-seca. (AMADO, 1977, p.24)

Tieta, por seu comportamento inadequado para os padrões de uma sociedade patriarcal, foi expulsa de casa por seu pai o que a obrigou a ser prostituta. Por um momento, viver da prostituição lhe causou sofrimento, mas, em seguida, foi o que lhe proporcionou uma vida melhor.

O que proporcionou o empoderamento da protagonista foi a exploração de seu corpo e do corpo de outras mulheres. Sobre a prostituição afirma-se “(...) a prostituição só existe em um sistema que se articula em torno da subordinação das mulheres. Não produz nada relacionado à liberdade e autonomia, ao contrário, e na grande maioria dos casos, a mulher se encontra escravizada por uma rede mercantilizada” (Caderno 9º Encontro Internacional da Marcha Mundial das Mulheres, 2013, p.21)

Tieta é uma heroína que modificou a situação em que vivia, mas essa mudança foi promovida à custa da subordinação do seu corpo e do corpo de outras mulheres.

5 Gabriela e Tieta: objetos de desejo e ao mesmo tempo sujeitos desejantes

Jorge Amado criou Gabriela e Tieta como objetos de desejo por conta do comportamento fora dos padrões dessas personagens, mas também as criou como personagens capazes de ter desejos e força para realizá-los.

A partir da criação de “Gabriela, cravo e canela”, em 1958, Jorge Amado deixa de abordar a ficção do chamado ciclo do cacau para privilegiar personagens femininas.

Desde a infância, esteve em contato com pessoas que lhe inspiraram temas e tipos romanescos ao longo de toda a sua obra: jagunços bárbaros, prostitutas, vagabundos, marginais, imigrantes árabes, exportadores, comerciantes avaros e migrantes fugidos da seca nordestina.

A convivência com pessoas de todos os tipos permitiu que ele conhecesse a vida do povo baiano e contribuiu para a sua formação.

Defensor de ideias socialistas, o povo estava presente em sua obra. Segundo Gilberto Freyre:

No romance em que se cruzam as influências mais diversas e especialmente as de James Joyce e as de Marcel Proust, distinguem-se de um modo geral duas grandes correntes, a do norte, neonaturalista, dominada pelo gosto de fixar os aspectos da vida social, com José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Amado Fontes e Raquel de Queirós; e a do sul, que antes se compraz nos estudos do mundo, psicológico, moral e mental, e em que avultam, para citar apenas alguns, Plínio Salgado, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, Marques Rebelo, Telmo Vergara, Érico Veríssimo e Otávio de Faria, apaixonados da vida interior e da arte de analisar o estado da alma... (FREYRE.1990,p323)

Para Jorge Amado não bastava fazer parte do povo. Os problemas que o afligia deveriam estar presentes em suas obras.

Jorge Amado sempre deu destaque aos marginalizados e oprimidos em suas obras. Sobre isso escreveu em *O Menino Grapiúna*:

... Se alguma beleza existe no que escrevi, provém desses despossuídos, dessas mulheres marcadas com ferro em brasa, os que estão na fímbria da morte, no último escalão do abandono. Na literatura e na vida, sinto-me cada vez mais distante dos líderes e dos heróis, mais perto daqueles que todos os regimes e todas as sociedades desprezam, repelem e condenam..(AMADO,1982,p.38)

O tema da sociedade patriarcal está presente em *Gabriela, cravo e canela*(2003) e *Tieta do Agreste* (1977) mostrando a maneira como as relações humanas no cotidiano evidenciam as diferenças sociais entre homens e mulheres. Assim, esses romances destacam

uma heroína que enfrenta a mescla de civilização e barbárie que constitui a sociedade brasileira.

A história das personagens femininas de Jorge Amado, aponta Duarter(2009), em especial Gabriela e Tieta, se passam em um tempo no qual as mulheres não tinham voz nem visibilidade na vida social, política e cultural do Brasil. Nos romances *Gabriela, cravo e canela* e *Tieta do Agreste* assim como em outras obras ficcionais de Jorge Amado as personagens femininas transgrediam e superavam códigos injustos.

Nas obras desse autor há o conflito entre as regras impostas pela sociedade e a ânsia de liberdade de buscar a realização pessoal, transgredindo os códigos patriarcais vigentes.

As mulheres, nas obras desse autor, passam da mulher que é objeto manipulado pelo homem a sujeito de seu próprio destino — amoroso ou profissional.

A história de Tieta e Gabriela surge como uma história que contraria as narrativas fundadoras da cultura brasileira que cristalizaram um centro ocupado pelo pai, homem, o dono, a lei, a ordem, a origem da verdade, enquanto a mulher/mãe fica à margem.

Essas protagonistas encarnam a marginalização, diferenciando-se por materializar o milagre da sobrevivência natural em um mundo hostil apesar de viverem em um mundo tradicionalista que tanto sufocava a liberdade delas.

Gabriela e Tieta apresentam um comportamento distanciado daquele considerado especificamente feminino. Elas se tornam transgressoras de todos os estigmas da mulher na sociedade patriarcal (submissão, recato, fidelidade, fragilidade, etc.).

São mulheres que por serem mestiças e pobres não se encaixam aos padrões determinados para a mulher branca que são aqueles que destinam a mulher para o casamento, para a maternidade, para a vida doméstica. Elas são mulheres que em algum momento de suas vidas precisam sair da esfera doméstica para a esfera pública – Gabriela é pobre e precisa trabalhar e Tieta é expulsa de casa e precisa fazer algo para sobreviver.

Além disso, elas não se importavam com o fato de agirem fora dos padrões porque não estavam interessadas em viver de acordo com eles. Ninguém lhes impunha regras; elas viviam conforme queriam. Eram donas de suas vidas e de seus corpos. Conforme Eduardo de Assis Duarte, 2009 p,60

Basta lembrar as mulatas assanhadas de Jorge Amado, exaltadas, todavia, mais como sujeitos desejanter do que como objetos do desejo masculino. Destaco dentre elas, Gabriela, Tereza Batista, Tieta do Agreste. Poderia citar ainda, Glória, Ana Mercedes e tantas mais, dentre amantes lascivas, prostitutas ou mulheres em busca de realização amorosa e pessoal.

Tieta e Gabriela são configuradas como mulheres que são desejadas, mas que também desejam. E que também têm o livre arbítrio de escolher aquilo que lhes dão prazer. Esse modo de configuração das personagens demonstra que a intenção do autor não é propagar o preconceito contra as mulheres negras e mestiças reservando a elas apenas o papel de objeto erótico, mas mostrá-las como mulheres que não se restringem ao espaço privado, mulheres emancipadas. Jorge Amado criou personagens femininas que têm força para modificar seus destinos. (Duarte,2009).

Gabriela mostra que não abre mão da liberdade e se recusa a se comportar como uma dama da sociedade de Ilhéus (não gosta de usar sapatos, prefere circo à conferência, gosta de viver com simplicidade, sente-se atraída por vários homens). Além disso, faz serviços domésticos pelo prazer de agradar Nacib e não por obrigação e rejeita o casamento. Ela transgrediu as leis criadas pelos homens para subjugar as mulheres para ter o direito ao próprio corpo e ao prazer.

Tieta é uma personagem que retrata o esforço pela liberação dos instintos e pelo triunfo do amor livre e espontâneo frente à profunda revolução sexual da década de 70,descreve Duarte(2009).Ainda relata o autor ,que Tieta contraria tudo que era convencional no que diz respeito à posição da mulher dentro da sociedade patriarcal. Ela representa a mulher que, aos poucos veio conquistando outro espaço que não mais o restrito ao ambiente familiar.

Gabriela e Tieta não são submissas e nem são o estereótipo da mulata todo o tempo: Gabriela não está limitada a ser a empregada que o modelo androcêntrico requer e nem a mulher libertina e Tieta não está limitada a ser uma prostituta e nem a mulher amoral que tem uma aventura amorosa com o próprio sobrinho. Observa Belline(2008),que a parte louvável dessas personagens é ter a situação erótica desviada segundo o modelo androcêntrico; esse desvio é representado pela insaciedade e liberdade dessas personagens. O desvio, em Jorge Amado, é fundamental para dar voz a essas mulheres oprimidas em uma sociedade regida pela ideologia patriarcal, porque a ideologia não repressiva desse autor é que desencaixou a experiência feminina de Gabriela e de Tieta dos padrões machistas. Neste momento, elas representam a revolução dos costumes chocando e subvertendo a ordem estabelecida para elas. Conforme Ana Helena Cizotto Belline,2008,p.71

Conclui-se assim que é em torno das personagens femininas que gravitam as narrativas de Jorge Amado, e não na esfera masculina. Focalizando esses seres normalmente à margem da vida social, o autor lhes confere força para subverter a ordem estabelecida e inaugurar um novo tempo de celebração da vida e da liberdade.

Dessa forma, Jorge Amado foi um romancista com profunda consciência social: denunciou o machismo e a opressão das mulheres presentes no patriarcado criando personagens transgressoras.

6 Considerações Finais

Considerando as abordagens do artigo em pauta, a forma de realização da discriminação feminina nos romances *Gabriela, cravo e canela* e *Tieta do Agreste* se dá através da ideologia patriarcal que difunde a naturalização da função da maternidade, transformando as mulheres em mães e criando um processo de inculcação ideológica inconsciente, em que todos os seres sociais acabam percebendo as mulheres apenas como mães. Sua função de mãe relegava à mulher ao espaço privado do lar.

Gabriela e Tieta amavam a liberdade e, por isso, eram vistas com preconceito. A sociedade na qual estavam inseridas possuía regras, normas e padrões comportamentais nos quais essas mulheres não se enquadravam. Essas personagens eram mal vistas porque tinham um comportamento considerado indecoroso para os padrões da sociedade patriarcal.

Esses romances revelam as separações de gênero que opõem o mundo patriarcal ao espaço do feminino e o desejo de Gabriela e Tieta de mudarem sua representação social - do espaço privado para o público.

As personagens centrais dos romances mencionados são mais do que mulheres voluptuosas, bonitas e sensuais. Elas são sujeitos de seu próprio destino. Elas não se comportavam de acordo com os padrões morais vigentes, mas do modo que as faziam felizes. Elas eram livres de todos os padrões sociais exigidos.

Ao criar personagens liberadas como Gabriela e Tieta, Jorge Amado critica a sociedade patriarcal na qual a mulher tem um papel secundário e promove a libertação da mulher.

7 Referências Bibliográficas

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. São Paulo: Record, 2003.

_____. *O Menino Grapiúna*. Ilustrações de Floriano Teixeira. Edição especial. Rio de Janeiro: Record, 1982.

_____. *Tieta do Agreste*. Rio de Janeiro: Record, 1977.

ARÁN, Márcia. *Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 11, n.2, p. 399-421, 2003.

BELLINE, Ana Helena Cizotto. *Representações do feminino*. A literatura de Jorge Amado - Caderno de leituras. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, v., p. 26-35.

CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

CORREA, Mariza. *Sobre a invenção da mulata*. In: Piscitelli, Adriana; Melo, Hildete Pereira de; Maluf, Sônia Weidner; Puga, Verga Lúcia. (Org.). *Olhares feministas*. Brasília: MEC/Unesco, 2007, v. , p. -.

DUARTE, Eduardo Assis. *Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade*. Terra Roxa e Outras Terras, v. 17-A, p. 1-20, 2009.

FREYRE, Gilberto. 1990. *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record.

HANCIAU, Nubia Tourrucô Jacques. . *A representação da mulata na literatura brasileira: estereótipo e preconceito*. Cadernos Literários (FURG), v. 7, n.7, p. 57-64, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Trabalho e aventura". *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 3ª ed.,1956.

MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES, Publicação. *Caderno 9º Encontro Internacional da Marcha Mundial das Mulheres*. São Paulo, Ano I, 1, julho de 2013.

REGO, F. M. O. . *Tieta do Agreste: lírica e sensual, a cabrita do sertão é um fruto do agreste e do povo*. Lato & Sensu (UNAMA), v. 4, p. 98-111, 2003.

SCHMIDT, Simone Pereira. *Cravo, canela, bala e favela*. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. 17, p. 799-817, 2009.

SILVA, Simone Machado da. *Dois momentos da representação literária da mulher: a sexualidade e o papel feminino em Lucíola de José de Alencar e Gabriela, cravo e canela de Jorge Amado*. 2012. 86 f. Mestrado - , Campos dos Goytacazes, 2012.

